

ADVENTO

a partir da contemplação de Madonas

LUIZA HELENA TANNURI LAMEIRÃO



editora
João de Barro

SÃO PAULO
2017

ADVENTO

a partir da contemplação de Madonas

Palestra proferida para pais e professores da Escola Waldorf Rudolf Steiner em 26 de novembro de 2013, como preparo para a época do Advento.

Hoje dedicarei minhas palavras à infância! A infância não em relação aos filhos pequenos que temos, ou às crianças pequenas com que trabalhamos, mas a infância como reduto do *humano*, do humano que pode crescer junto com o adulto ou desaparecer. Isso depende de nós, do que fazemos deste reduto humano em nós. Seria muito importante refletirmos acerca da palavra *infância* não apenas designando uma idade circunscrita ao período inicial da vida, mas nos perguntando: o que a infância possibilita? O que existe nela que nos permite dizer que se trata do *humano*? O que é que vive entre as crianças durante a infância que pode estender-se por toda a vida, ou permanecer restrito àquele período inicial?

Quando a criança fica em pé, constatamos que esse ato representa a primeira conquista que leva à autonomia humana. Logo o eixo vertical se torna completamente perceptível, indicando os lados *direito* e *esquerdo* em nosso corpo. Poderíamos nos perguntar: o que significa a *direita*? O que significa a *esquerda*? Nós cantamos “na mão direita tem uma roseira que dá flor na primavera”; também existe um ditado que diz: “uma mão lava a outra”. É incrível que existam várias percepções acerca da *direita* e da *esquerda* na vida humana, tal como: um lado é ativo, doa para o mundo; o outro lado é receptivo, acolhe o mundo.

Quando falamos em *direita* e *esquerda*, rapidamente nos remetemos às mãos humanas. Por que será? Porque a postura ereta libera as mãos da função locomotora e torna visível o que pode ser feito com a *direita* e com a *esquerda*. Recentemente, numa obra do escritor moçambicano Mia Couto, me deparei com uma fala muito interessante na voz de um caçador: “A mão esquerda, explico com súbita inspiração, é a que segura as crianças ao colo. Não pode ser a mão que mata”.³



Isso me comoveu; o que pode estar por trás dessa fala de uma pessoa que lida tão intensamente com a vida, de uma maneira tão prática e sensorial?

Esse mesmo âmbito da verticalidade, que nos divide entre *direita* e *esquerda*, também nos leva a concepções como: você é de *direita* ou de *esquerda*? Ah, aquele lá está sempre em cima do muro! Enfim, há situações nas quais percebermos que essa complementaridade pede uma definição. É interessante que esse espaço, completamente sensorial, é acompanhado de concepções que já não são tão perceptíveis. É claro que na vida humana, além de *direita* e *esquerda*, existe a possibilidade de *olhar* para algo, vivenciar o brilho dos olhos de alguém, perceber como o *olhar* nos leva até o mundo mais distante, como se tivéssemos tentáculos... A poetisa Cecília Meireles chega a dizer que o *olhar* é como “peixes que nadam na água e buscam o brilho da superfície.”⁴

Sabemos que, ao nascer, a criança está com o rosto voltado para o céu; a visão é o âmbito sensorial que nos faz chegar até o céu, ver as estrelas, a lua, o sol. E quando o *olhar* se fecha para a luz, o que acontece? Quando não estamos ocupados em focalizar o *olhar*, temos muito mais impressões sonoras. O som que vem do céu nos chega como notícia muito mais remota. Esse ambiente do *ouvir* requer uma grande caixa acústica: nossas orelhas; maior do que elas, porém, é todo o espaço de trás, que é amplo, menos lúcido, menos luminoso em nossas vidas. Essa dicotomia ou polaridade entre *ver* e *ouvir* nos permite tatear o mundo de forma muito diferente daquela entre *direita* e *esquerda*. Ao *ver* e *ouvir* estamos lidando com fluxos de percepção que geram o ser humano. Nós sabemos que a vibração sonora forma a matéria, sabemos que tudo o que vemos também se imprime em nós, cria forma; mas não temos muita clareza do modo como atuam esses fluxos

formativos. Essa situação, talvez menos consciente, exerce uma ação formativa essencial, modela o ser humano de maneira bem complementar.

Assim como podemos juntar as mãos, também podemos perceber a existência da vertente do *ver* e a vertente do *ouvir* que atuam juntas, modelando o ser humano. Sabemos que existe a necessidade do foco na visão; se não focalizo, quase nada vejo, ou vejo tudo muito difuso, sem poder diferenciar claramente. A audição, ao contrário, não requer foco; é necessário manter atenção intensificada naquilo que é grande, genérico, naquilo que está por trás e que me leva a uma percepção do mundo muito diferente daquela conquistada pelo *olhar*. Se, como diz Cecília Meireles, nadamos em direção à superfície luminosa com o olho – e Rudolf Steiner se refere aos olhos como tentáculos que tateiam a superfície das cores – podemos dizer que, com o ouvido, o mundo penetra em nós. A partir do que ouvimos, criamos um mundo interior próprio. Esse mundo interior próprio começa a se mover, em primeiríssimo lugar, quando a criança, ainda bem pequena, ouve a voz humana. A voz humana talvez seja a sonoridade que se imprime em nós de maneira mais pronunciada.

Não faz muito tempo, ainda no século XX, pesquisadores descobriram a existência de algo a que deram o nome de ISO, identidade sonora.⁵ A voz da mãe, a pulsação de seu batimento cardíaco, o barulho interno de nossos órgãos, todas essas são vivências universais. É claro que cada pessoa ouviu a voz de sua mãe, mas todos nós ouvimos uma primeira voz. Essas vivências universais vão aos poucos ganhando o colorido de vivências individuais. Como é a sonoridade de minha família? Fala-se alto, se gargalha? Ou é tudo mais silencioso, polido, sereno? Não se trata de um juízo de valor, nem de afirmar que um seja bom e

o outro ruim; apenas saliento que são características diferentes. A música que eu ouvia na infância, a música que me marcou profundamente na adolescência e nas demais fases da vida são sonoridades que vão marcando a identidade. É interessante revisitarmos a própria vida e nos perguntarmos quais foram as sonoridades que nos marcaram. A pesquisa mencionada é relativamente recente, ainda não completou um século; muitos terapeutas a vêm utilizando com o intuito de descobrir, a partir dessa identidade sonora, facetas que seus pacientes deixaram lá atrás, escondidas.

Me referi à audição como a percepção que provém do amplo espaço de trás e permanece subconsciente, mas que pode ser trazida à tona, à consciência. Também é interessante buscarmos em nosso mundo interior e perguntarmos o que cabe em nossa *intimidade*. O que acontece quando eu acesso esse meu mundo interior? Está silencioso lá dentro? Essa experiência, para mim, mostrou ser um ledão enganoso. Quando há um pouco de silêncio externo, lá de dentro vem um vozerio enorme, uma porção de coisas que suscitam perguntas e me exigem tomar decisões. Então, o que cabe nesse mundo interior? O que caracteriza nossa *intimidade*? No primeiro acesso a esse mundo interior, podemos pressentir que existe uma planície clara, luminosa, mas não é possível penetrar na *intimidade* se não passarmos pela floresta densa; essa floresta é escura. Passando por essa densa floresta, pode ser que cheguemos a uma alta montanha, que subamos sem perceber e, uma vez lá em cima, tenhamos uma visão panorâmica que divisa espaços inescrutáveis dentro de nós. Como diferenciar entre o que se passa no íntimo, que exige mergulhos profundos, e aquilo que é atmosfera luminosa – os cimos, as nuvens? Nem sempre altura significa elevação. Como chegamos até lá?

Notem que estou descrevendo três âmbitos: o da *direita e esquerda*, o do *ver e ouvir* e o da *elevação e intimidade*. No fundo, todos os três exigem uma pulsação entre dois polos; não é possível ficar em um só. A polaridade que existe entre *ver e ouvir* mostra isso claramente: quando apenas ouvimos, ou apenas vemos, a percepção é unilateral e não nos fortalece, até nos limita. Inclusive, nossa constituição orgânica depende dessas duas grandes vertentes formativas.

Há ainda outra pulsação, a que se desdobra entre *centro e periferia*: ela caracteriza o âmbito de atuação do indivíduo humano. Toda vez que o indivíduo se manifesta, está se movendo entre centro e periferia. A fixação unilateral em um dos polos – centro ou periferia – é uma tendência patológica.

Vamos lidar com esses quatro espaços a partir do que se apresenta na série de imagens das *Madonas*. Vamos percorrê-la na íntegra, com cuidado, devagar, silenciosamente. Enquanto observamos, podemos nos perguntar sobre essas polaridades que descrevi; antes de tudo, procurem encontrar qual é a ação que está por trás de cada uma delas, portanto, qual verbo caracteriza cada uma delas.

Verbos colhidos entre os ouvintes depois da observação: acolher, cuidar, ofertar, entregar, olhar, encontrar, contemplar, reunir, oferecer, abraçar, amar, silenciar, perceber, sentir.

Vocês conseguem diferenciar as várias camadas existentes nesses verbos elencados? Alguns descrevem completamente a relação entre seres humanos. Outros se referem ao ser humano em relação a ele mesmo. E outros ainda remetem para além disso, são como qualidades humanas que favorecem a vida das relações interpessoais, mas que também atuam em nossa vida intrapessoal, nossa vida interior.